A UTOPIA MONÁSTICA DE JOAQUIM DE FIORE

Valtair A. Miranda[1]

Resumo: Este artigo explora o pensamento e a obra do abade medieval Joaquim de Fiore, nascido na Calábria em 1135. O texto aborda sua trajetória espiritual e intelectual, destacando seu papel no desenvolvimento de uma interpretação apocalíptica e profética da história cristã. Joaquim de Fiore é conhecido por sua visão de uma história humana dividida em três eras: a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo. Através de sua obra exegética, ele propôs que o futuro traria a era do Espírito, uma época de paz e harmonia na terra, não dependente do retorno de Cristo, mas da frutificação do Espírito Santo. O artigo explora a importância da Concórdia de Fiore, seu método hermenêutico que relaciona o Antigo e o Novo Testamento, e como isso molda sua visão histórica e apocalíptica. Também são discutidas suas experiências místicas e visionárias, que influenciaram profundamente suas obras, como a Expositio in Apocalypsim e o Liber Figurarum, onde ele utilizou figuras para expressar suas ideias teológicas. Por fim, o artigo destaca a fundação da Abadia de São João de Fiore e a criação da Ordem Florense, como reflexo do ideal de uma comunidade monástica focada na vivência da era do Espírito.

Palavras-chave: Joaquim de Fiore; Igreja medieval; monasticismo medieval; Filosofia da História.

Abstract:This article explores the thought and work of the medieval abbot Joachim of Fiore, born in Calabria in 1135. The text addresses his spiritual and intellectual journey, highlighting his role in developing an apocalyptic and prophetic interpretation of Christian history. Joachim of Fiore is known for his vision of human history divided into three eras: that of the Father, the Son, and the Holy Spirit. Through his exegetical work, he proposed that the future would bring the era of the Spirit, a time of peace and harmony on earth, not dependent on Christ's return but on the fruitfulness of the Holy Spirit. The article explores the importance of Fiore's Concordia, his hermeneutical method that links the Old and New Testaments, and how this shapes his historical and apocalyptic vision. It also discusses his mystical and visionary experiences, which profoundly influenced his works, such as the *Expositio in Apocalypsim* and the *Liber Figurarum*, where he used figures to express his theological ideas. Finally, the article highlights the founding of the Abbey of San Giovanni in Fiore and the creation of the Florensian Order as a reflection of the ideal of a monastic community focused on living in the era of the Spirit.

Keywords: Joachim of Fiore; Medieval Church; Medieval Monasticism; Philosophy of History.

[1] Pós-doutor em Cognição e Linguagem (UENF), Doutor em História (UFRJ), Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, RJ.

1 INTRODUÇÃO

Joaquim de Fiore nasceu em Célico, na Calábria, sul da península itálica, em 1135, e morreu em 1206. Seu pai fazia parte da corte normanda da Sicília, em Palermo, e levou seu filho ainda cedo para lá com o intuito de fazê-lo seguir seu caminho (Afleck: 1997, p. 45).

A Calábria, geográfica e politicamente, era uma província mais associada com a Sicília do que com o restante da península Itálica. Historicamente, sua cultura era mais grega que latina, e desde metade do séc. XI era parte das terras normandas. No séc. XII, o sul da Itália e os governantes normandos tornaram-se ferramentas importantes no conflito entre o Papa e o Imperador. O jovem Joaquim, então, bem cedo conheceu a vida da corte, suas querelas, e as intrigas que, com muita frequência, tinham alguma relação com a Igreja romana.

Em 1167, aparentemente envolvido em uma atividade para o governo da Sicília, ele seguiu na direção de Constantinopla, acompanhando uma comitiva. Não se sabe ao certo o tempo que ele permaneceu na capital do Império Bizantino, mas logo ele a deixou e partiu numa peregrinação para a Terra Santa. Nota-se, nesta fase de sua vida, um forte tipo de aspiração religiosa que o afastou das atividades seculares da sua família.

O que acontece na viagem para Jerusalém é alvo de muitas lendas e fantasias. Algumas crônicas antigas narram que ele passou por experiências visionárias, em algum sentido parecidas com as narrativas de vocação profética da tradição judaica e cristã. Uma delas o põe a beber de um rio que o enche de conhecimento; outra o leva até o monte Tabor para ter uma visão da Trindade. Independente do caráter lendário destas lendas, o que elas tentam explicar é a origem das revelações de Joaquim, ligando-as a alguma experiência visionária.

O próprio Joaquim não descreveu qualquer uma destas visões em sua grande produção literária. Ele nem ao menos se descreve como um profeta. Ele se percebe com algum tipo de conhecimento especial, mas o reputa ao que ele chama de “iluminação espiritual”. Nos termos de Joaquim, o que ele tem é “uma mente iluminada pelo Espírito”. Esse Espírito de Iluminação está sobre ele, não para que profetize, mas para que compreenda o que antes não tinha sido compreendido.

Ele chegou a escrever no *Expositio* que algumas coisas já tinham sido reveladas, mas muitas outras ainda não tinham sido, e só estariam acessíveis a quem se aproximasse do texto bíblico com a mente iluminada pelo Espírito (*Expositio in Apocalypsim, f. 39r-v*). Ele remonta suas revelações a este “conhecimento profundo” das Escrituras cristãs.

Após retornar da Terra Santa, entre 1168-1170, Joaquim passou a vagar pela Calábria, inicialmente como eremita, em seguida como pregador itinerante. Finalmente, foi ordenado no

mosteiro beneditino de Corazzo (1171). A Ordem de São Bento tinha uma atração especial para Joaquim, o que se percebe por ele ter escrito um texto sobre Bento de Núrsia e por descrevê-lo de uma forma especial na inauguração da Era do Espírito (*De vita sacti Benedicti et de officio divino secundum eius doctrinam*). A importância de Bento, entretanto, está ligada diretamente à maneira como Joaquim entendia o movimento monástico. Como Bento foi uma das principais figuras do monasticismo ocidental, Joaquim só podia olhá-lo com admiração.

Não demorou muito e Joaquim se torna abade de Corazzo (1178), e uma de suas principais metas a partir de então é inserir seu mosteiro numa ordem mais severa. Seu encantamento com a reforma gregoriana, e um acentuado ascetismo, o aproximam da Ordem Cisterciense, cujo nome mais marcante tinha sido Bernardo de Claraval (1090-1153). Em 1183, ele deixa Corazzo e inicia uma viagem para Casamari, sul de Roma, na tentativa de negociar a transferência. Ele permaneceu cerca de um ano neste lugar. No fim do período, em 1184, encontrou-se com o papa Lucius III para interpretar uma profecia encontrada por um bispo romano, e recebeu encorajamento papal para seus projetos.

Durante o período em que esteve em Casamari, Joaquim experimentou o que poderia ser descrito como uma experiência visionária. Ele a experimentou à meia noite do dia de Páscoa. Ele a descreveu como "uma revelação da plenitude do Apocalipse e da concórdia completa do Antigo e Novo Testamentos percebidos com clara compreensão pelos olhos da mente" (*Expositio in Apocalypsim*, f29v). As expressões "revelação", "plenitude do Apocalipse" e "olhos da mente" sugerem que o que ele descreve é algum tipo de visão, principalmente pelo fato de que ela veio a Joaquim numa data especial para a Igreja (a Páscoa), à meia noite (horário que, segundo Joaquim, Jesus teria ressuscitado), e depois de passar um ano tentando entender uma passagem especial do Apocalipse (ele não esclarece qual passagem tem em mente). A Concórdia, sua maior contribuição em termos hermenêuticos, não apenas para a leitura do Apocalipse, mas também para os estudos históricos, é definida por ele como "recebida por revelação".

Joaquim não descreve nenhuma imagem ou figura acompanhando esta revelação. Mas quando ele se detém a explicar a Concórdia, o sistema verbal não é suficiente. Seus textos são carregados de imagens e figuras que tentam ilustrar suas ideias religiosas. Por isso suas figuras são mais do que ilustrações. Elas podem ser consideradas, a seu modo, expressão das experiências religiosas de Joaquim. Em vez de descrever suas visões, ele as desenha no meio de seus textos.

Mc Ginn interpreta esta experiência da noite de Páscoa à luz da tipologia das visões de Agostinho (*Comentário Literal de Gênesis* 12.7-26), que a descreveria como uma "visão intelectual": "uma verdade infalivelmente revelada sem a ajuda de imagens externas ou

internas." (MC Ginn: 1979a, p. 99). Ou seja, a iluminação veio primeiro, fazendo com que Joaquim procurasse formas verbais e visuais para descrevê-la.

Nas obras do próprio Joaquim, há apenas mais uma ocorrência explícita do que poderia ser uma experiência visionária, apesar da discreta descrição do abade. Esta já poderia ser incluída, inclusive, na categoria agostiniana de "visões espirituais", ou seja, "algo revelado através de uma forma ou símbolo visto dentro da mente". O abade ainda está em Casamari, e o que ele narra desta vez se passou no Domingo de Pentecoste:

> Entretanto, quando eu entrei na igreja para orar ao Deus Todo Poderoso diante do santo altar, veio sobre mim uma dúvida a respeito da Trindade, como se fosse difícil entender ou sustentar que todas as Pessoas eram um só Deus e um só Deus em todas as Pessoas. Quando isso aconteceu, eu orei com toda a minha força. Eu estava muito assustado e fui levado a invocar o Espírito Santo, de quem era o dia da festa, para que me mostrasse o santo mistério da Trindade. O Senhor tem mostrado a nós que a completa compreensão da verdade é para ser encontrada na Trindade. Eu repeti isto e comecei a cantar os salmos para completar o número que eu pretendia. Sem demora, neste momento, a forma de um saltério de dez cordas apareceu em minha mente. O mistério da santa Trindade brilhou tão intensamente e claramente nele que eu fui mais uma vez impelido a clamar: "Que Deus é tão grande quanto o nosso Deus?" (Psalterium, f. 227r-v).

Joaquim se refere a imagens que "brilham na mente". Na primeira visão, ele falara em "olhos da mente". São expressões apropriadas para descrever visões. Esta visão de Joaquim, do Saltério de dez cordas, é um dos seus símbolos fundamentais, ao lado do Círculo Trinitário. É isso que levou Mc Ginn a fazer uma interessante sugestão, de que talvez as figuras que o abade usou em outros momentos (como árvores, o Alfa e o Ômega, o Dragão e muitas outras) para ilustrar seu pensamento também tenham tido origem em alguma experiência visionária, apesar do silêncio de Joaquim quanto a isto (MC GINN: 1979a, p. 100). De qualquer forma, o saltério rendeu um livro inteiro para sua descrição (*Psalterium*), que, junto com *Concordia* e *Expositio,* formam sua trilogia magna.

Apesar destes indícios de experiências visionarias subjacentes à produção de Joaquim, seus textos são predominantemente exegéticos. Usando recorrente e consistentemente seu método de Concórdia, ele varreu o Antigo e o Novo Testamentos na busca pela estruturação da história, com o objetivo de organizar não só o passado, mas também o presente e o futuro. Ele usa a Concórdia para descrever o passado, interpretar o presente e projetar o futuro.

Sua motivação é uma percepção de que foi vocacionado para preparar sua geração para a Era do Espírito, que iria frutificar dentro em breve. Isso o leva a se dedicar intensamente na produção de seus livros. Não é uma produção literária para ficar guardada, já que o que ele deseja é levar a Igreja, ou pelo menos um grupo de monges, a se envolver na chegada deste tempo festivo para o Espírito.

Joaquim levou aproximadamente 18 anos para concluir, no contínuo processo de revisão,

suas três principais obras. A primeira, Concórdia, se dedica a explicar seu método hermenêutico, e foi consagrada ao Pai. A segunda, o *Expositio*, dedicada ao Filho, parte do Apocalipse para descrever a história da humanidade. A terceira, o *Psalterium*, foi dedicada ao Espírito.

Apesar de ter alcançado vitória no projeto de levar o mosteiro de Corazzo para a ordem Cisterciense, Joaquim o abandonou em 1189. Aparentemente, ele entendia que a posição de abade o atrapalhava na sua missão, ou chegou à conclusão que os cistercienses não eram ascéticos o suficiente para suas aspirações religiosas. Deixando o mosteiro, retirou-se para uma região inóspita do Monte Nero (West; Zindars-Swartz: 1983, p. 5). Como muitos foram atrás de Joaquim, logo surgiu a necessidade de fundar ali uma casa religiosa, dando início, assim, à Abadia de São João de Fiore, tendo como patrono João Batista.

Joaquim organiza e consegue, então, a autorização do Papa Celestino III para a constituição da ordem Florense (1196), apesar dos Cistercienses terem entrado com uma reclamação junto à igreja em Roma pelo abandono de Joaquim. Foi neste lugar inóspito que o abade recebeu algumas figuras ilustres, como o rei Ricardo Coração de Leão, um pouco antes de se dirigir para terceira cruzada.

Joaquim faleceu em 1206 cercado apenas por seus discípulos mais próximos, apesar de sua fama já ter se espalhado por quase todo o Ocidente. Era conhecido e respeitado no Sacro Império Germânico, na França, na Inglaterra e, dentro do possível, em Roma.

No interior da Igreja Romana, entretanto, ele não era uma unanimidade. Além dos Cistercienses que se sentiram ultrajados com seu abandono, ele não era bem visto por um partido romano, o partido anti-imperial. Não que Joaquim fosse um imperialista. Mas ele entendia que não era papel da Igreja se envolver num conflito deste tipo com o mundo secular (MC Ginn: 1979b, p. 126). Além do mais, se era para sofrer, que fosse com dignidade. Afinal, era até necessário algum tipo de sofrimento antes que chegasse efetivamente o tempo da frutificação do Espírito. Um sétimo e último anticristo se levantaria para perseguir e trazer a última perseguição contra a Igreja.

West e Zimdars-Wartz assim resumem quem foi Joaquim: “Um monge do Sul da Itália que conheceu reis, imperadores e papas; um cisterciense que rompeu com sua ordem e estabeleceu uma própria com regras ainda mais rigorosas; um exegeta visionário do Apocalipse que adaptou os pais da igreja na sua interpretação; um abade cujos escritos eram frequentemente suspeitos de condenação pela Santa Sé; um homem santo que nunca foi santificado, mas que foi colocado por Dante no círculo do sol perto de São Boaventura e São Francisco no paraíso.” (West; Zindars-Swartz: 1983, p. 9).

2 OS CÍRCULOS TRINITÁRIOS

Se as imagens deixadas por Joaquim estão tão diretamente ligadas às suas experiências e revelações, uma boa porta de entrada para seu milenarismo é justamento um livro que as coleciona, intitulado *Liber Figurarum.* Esta obra sobreviveu como uma coletânea de figuras e imagens do abade. Algumas já haviam aparecido no contexto dos outros livros, e sofrem aqui pequenas revisões ou adaptações. Outras aparecem exclusivamente no *Liber Figurarum*.

Estudiosos não têm certeza da autenticidade de todas as imagens. Algumas são mais disputadas que outras. No total, são 26 figuras num manuscrito de grande beleza. Possivelmente, os manuscritos relacionados com o *Liber Figurarum* são resultados da edição de discípulos de Joaquim, que não apenas organizaram suas principais imagens, mas também desenharam outras, seguindo de perto suas ideias (Tagliapietra: 2008, p. 100).

O *Liber Figurarum* sobreviveu em 10 manuscritos, que vão do século XIII até o 15. O texto crítico foi publicado em 1953 (Tondelli; Reeves; Hirsch-Reich: 1953). A data de composição, entretanto, é disputada, indo desde o final da vida de Joaquim até um pouco antes do seu manuscrito mais antigo (MSS. Oxford, Corpus Christi College, 255 A, ff. 4-14), do séc. XIII.

Reeves resume bem a importância desta obra para o estudo do pensamento de Joaquim. Para ela, as figuras “são exposições do seu sistema de pensamento, não meramente ilustrações para seus textos. São projetos independentes, que incorporam as diversas estruturas do pensamento de Joaquim, eventualmente, de forma mais adequada do que palavras poderiam fazer” (Reeves, 1954, p. 199).

Das 26 figuras do *Liber Figurarum*, escolhi três para apresentar as linhas gerais do milenarismo de Joaquim. A primeira é a mais conhecida. Conhecida como *Os Círculos Trinitários* (Cf. anexos, figura I), pode ser encontrada na Táv. XI do *Liber*. Nesta figura, ocupando o lugar central da imagem, Joaquim desenhou três círculos. Eles se apresentam sobrepostos. O primeiro círculo avança até um pouco depois da metade do segundo círculo, fazendo uma pequena interface com o terceiro círculo. O segundo círculo começa na metade do primeiro círculo e termina na metade do segundo. O terceiro círculo começa um pouco antes da metade do primeiro círculo, fazendo uma pequena interface com o primeiro círculo. Esta apresentação faz com que o centro dos três círculos tenha uma pequena área de convergência no núcleo do arranjo trinitário, período do aparecimento do Filho encarnado.

Joaquim define cada círculo, postando o nome do Pai no topo do primeiro, do Filho no topo do segundo, do Espírito no topo do terceiro. Como antes do círculo do Pai Joaquim escreveu o nome de Adão, e após o círculo do Espírito, apontou o “fim do mundo”, o conjunto

dos círculos pretende descrever estruturalmente a história da humanidade, desde o princípio (Adão representa o primeiro ser humano criado) até o fim dos dias (período do juízo final). Inserido dentro da tradição cristã, Joaquim espera um fim para a história. Sem a existência do tempo, a história terminaria mergulhada na transcendência da própria divindade que a conduziu.

É neste ponto que o abade parece indicar um sentido para a história, ao vincular a atuação das pessoas divinas da Trindade para dentro da existência humana. Esta vinculação é de tal forma direta que a natureza de cada pessoa divina dá sentido, organiza e define o caráter de cada período histórico. O primeiro período tem o caráter do Pai; o segundo, do Filho; o terceiro, do Espírito.

A história, então, tem relação com a Trindade, e apresenta um caráter dinâmico e progressivo. Quando se observa isoladamente cada círculo, ele tem três partes. O primeiro círculo tem uma área inicial exclusiva, uma segunda área compartilhada com o segundo e uma última compartilhada simultaneamente com o segundo e terceiro. A parte exclusiva do primeiro círculo tem como rótulo "*início da Lei. Primeiro tempo da lei*". Na parte inferior da área exclusiva, aparece a definição "primeiro estado", ou "primeira era", e logo acima o nome do principal personagem: Moisés. A parte seguinte do círculo do Pai, na área compartilhada com o círculo do Filho, tem no meio o rótulo "início do Evangelho. Tempo da Lei". A figura dominante é Elias, que vem no tempo da lei para antecipar o evangelho. Ele está no período da Lei, mas possui o Espírito. A terceira parte do círculo do Pai é compartilhada com o segundo e terceiro círculo simultaneamente. Forma o centro da figura dos Círculos Trinitários, indicando o núcleo da história. É o período do nascimento de Jesus. É o centro da história, mas não o seu ápice, em função da ideia de progresso presente na imagem geral. O ápice está no final da imagem, na área exclusiva do terceiro círculo, o círculo do Espírito.

A imagem usa simbolicamente o recurso das cores. O círculo do Pai é verde, fazendo referência ao seu papel criador. O círculo do Filho é azul, referência talvez ao céu e à origem celestial de Jesus. O círculo do Espírito é vermelho, referência ao coração e ao amor, características da terceira Era.

O segundo círculo apresenta uma forma mais complexa. Isoladamente, ele possui cinco partes: três no meio, uma na parte superior e outra na parte inferior. Na parte superior, Joaquim intitula o círculo: Filho. Na parte inferior, a descrição "segundo estado". Há uma diferença no desenho em relação ao primeiro círculo e ao terceiro círculo. O circulo do Pai tem as duas primeiras partes de áreas bem semelhantes, com a terceira parte de área reduzida, justamente a área da interseção. Já o círculo do Filho também tem a área de interseção reduzida, mas apresenta a parte anterior e a posterior à interseção de espaços semelhantes. A área anterior à

interseção é compartilhada com o Pai; e a área posterior, com o Espírito. Na parte central da área posterior à interseção, Joaquim descreve o "início do intelecto típico. Tempo do evangelho". A figura principal é João Batista, que tem o carisma do Filho, da mesma forma que Elias tem o carisma do Espírito Santo.

A ideia de progresso continua, apesar de ser menos acentuada na segunda Era do que na primeira e na terceira. O terceiro círculo, de forma inversa, começa com a interseção, avança para uma área compartilhada com o segundo círculo e termina numa área exclusiva. A terceira parte do círculo vermelho tem o nome do Espírito Santo no topo e a descrição "terceiro estado" na parte inferior. Após a interseção, e à área compartilhada com o Filho, o terceiro círculo apresenta a principal figura do terceiro estado. É novamente Elias. No esquema de Joaquim, figuras retornam na forma de Concórdia, quando personagens instituições e eventos de uma Era surgem em paralelo nas Eras seguintes. Isso significa que outra personagem, nos moldes espirituais de Elias, se levantaria por meio do Espírito Santo, após o fim da Era do Filho, quando a Era do Espírito seria experimentada exclusivamente na história. Para descrever este período, Joaquim descreve no centro da terceira área do terceiro círculo a expressão "início do intelecto anagógico. Tempo da inteligência típica do Evangelho". Após o fim do terceiro círculo, finalmente chega o fim do mundo, o fim da história, a parte transcendente das expectativas cristãs.

Os círculos trinitários desta figura descrevem uma esperança bem diferente das antigas expectativas quiliastas. Os primeiros leitores do Apocalipse, em função de uma leitura quase literal do milênio descrito no final do livro de João, esperavam um período de paz para após o segundo advento de Jesus. Sem Jesus não haveria paz na terra, nem reinado dos martirizados, nem inversão escatológica, nem vitória sobre o anticristo. O milênio, assim, é um período parêntese entre o segundo advento e o final da história.

Para Joaquim, entretanto, este período de paz na terra não demandava o segundo advento. Na prática, seria um advento de tipo diferente. Em vez de o Filho retornar para trazer a felicidade para a história, seu tempo iria terminar para dar vez ao Espírito, e somente então, debaixo exclusivamente do controle histórico do Espírito, a humanidade experimentaria a paz. Há um lugar para o segundo advento do Filho também nas expectativas de Joaquim, mas para terminar a história, e não para dentro da história. Quando o Filho retornar, a história termina, o mundo acaba. É o fim do mundo.

Neste sentido, o milenarismo de Joaquim não é um milenarismo do Filho, e sim do Espírito. É o Espírito que irá reinar na terra, não necessariamente durante mil anos como esperava João de Patmos, mas durante 21 gerações.

A história, na sua relação com a Trindade, se desenvolve até culminar na Era do Espírito. Isso não significa que Joaquim desassocia as pessoas divinas, isolando-as. Elas estão não apenas interligadas, mas interdependentes. Uma era nasce da outra do mesmo modo como o Filho é gerado do Pai, e o Espírito é gerado tanto do Pai quanto do Filho. Por isso, para unir os círculos, Joaquim espalhou na imagem o Tetragrama IEUE (forma medieval do tetragrama judaico para a palavra "Deus"). A expressão é distribuída de forma a simbolizar que o Filho (EU) e o Espírito (UE) procedem do Pai (IE). Em uma letra Alfa Joaquim aponta o que ele chama de A primeira Definição da Trindade. A parte superir da letra simboliza o Pai (IE), o pé esquerdo da letra é o Filho (EU) e o pé direito o Espírito (EU). A haste central da letra é a Trindade (IEUE). A segunda definição e desenhou na letra Ômega. O Pai é a parte inferior esquerda (I) e o Filho a parte inferior direita (U), deixando as duas pontas da letra para o Espírito (E). O resultado é o mesmo tetragrama (IEUE), só que desta vez esclarecendo outro elemento de sua visão da Trindade. O Espírito (E) procede tanto do Pai (I) quanto do Filho (U) (Tagliapietra: 2008, p. 103).

Em termos gerais, então, Joaquim idealizou três épocas para a história humana: a época do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A primeira época foi concluída com o advento de Jesus Cristo; a segunda estava chegando ao seu fim em breve; a terceira tinha já sido anunciada e estava perto de ser introduzida na história.

O ponto de partida é a concordância entre as duas dispensações (Antigo Testamento e Novo Testamento) com a história. Através do seu método, o abade comparou os testamentos canônicos, encontrando paralelos entre suas histórias, personagens e instituições. O terceiro paralelo brotou destes dois. Dos testamentos bíblicos, Joaquim extrapolou a história da humanidade.

Mesmo assim, como se pode ver nos Círculos Trinitários, Joaquim não ventilou um terceiro testamento. A terceira era não teria um novo texto, mas uma nova compreensão dos dois primeiros por meio de uma inteligência espiritual.

Olhar a história em três períodos não era novidade. Agostinho já tinha feito isso em Cidade de Deus. Para o bispo de Hipona, os estágios históricos eram: antes da Lei (Adão até Moisés), sob a Lei (Moisés até Cristo) e sob o Evangelho (de Cristo até o último julgamento). A contribuição de Joaquim, entretanto, foi aplicar um direto envolvimento das três pessoas divinas em cada época correspondente, de forma a as épocas refletissem o caráter e a natureza da pessoa divina (Pai, Filho e Espírito).

Outra grande diferença entre Agostinho e Joaquim está justamente na visão do milênio. Enquanto o homem de Hipona entendia que já vivia na última era, pois o milênio já havia sido

inagurado por Cristo no primeiro advento, aguardando apenas o segundo advento para se completar, o abade de Fiore entendeu que a última era ainda não havia se manifestado.

Seu milenarismo, então, rompe tanto com Agostinho quanto com os antigos quiliastas, e se aproxima um pouco do que eventualmente é denominado de pós-milenarista (Jesus vem após um período de paz na terra).

3 A ÁRVORE DOS CÍRCULOS TRINITÁRIOS

Uma segunda imagem importante para descrever seu milenarismo é a Árvore dos Círculos Trinitários (Anexos: Figura II). Esta imagem está no *Líber Figurarum*, Tav. XXII. É uma apresentação simbólica da história na forma de uma árvore que começa com Noé, o homem justo, e representa Deus, o Pai. Os três filhos de Noé são figurados em três galhos de árvore. Cam é um galho quebrado, e não deixou qualquer marca na história subsequente. Entretanto, os outros dois filhos de Noé crescem continuamente, de forma linear, até se encontrarem emaranhados na Terceira Era. Sem, à esquerda, representa o povo judeu e Jefté, à direita, o povo gentil. São os dois povos cujos destinos são revelados através da história e estão diretamente relacionados com as pessoas divinas. Os judeus com o Pai do Antigo Testamento. Os gentios com o Filho do Novo Testamento.

O primeiro círculo, a Era do Pai, vê o florescimento dos judeus e um crescimento menor para os gentios. O segundo círculo vê o estado do filho, que inverte o anterior, revelando um crescimento maior para os gentios. Agora os gentios são mais frutíferos que os judeus. Se há uma alternância de status e crescimento dentro de suas respectivas eras originárias, judeus e gentios, entretanto, se encontrarão misturados no final, na era do Espírito. Nesta período, ambos darão frutos em grande abundância. É possível perceber que os galhos dos judeus e gentios se misturam de tal maneira na Era do Espírito que não dá para diferenciar ou separar os dois povos.

Joaquim espera, assim, que a distinção entre os dois povos termine na terceira Era. Esta distinção terminará não para encerrar a igreja, mas para incorporar os judeus. Segundo o abade, haveria, um pouco antes da frutificação da Era do Espírito, uma conversão em massa dos judeus.

Este simbolismo biológico, com plantas e galhos, é ideal para expressar sua visão da história. Arvores, flores e plantas mostram claramente um desdobramento e um vir a ser. Ele usou estes elementos para apontar que as três eras estão inter-relacionadas, da mesma forma como as folhas e frutos emanam do tronco, que por sua vez brotam da semente. A história da humanidade é dinâmica, cresce, tem um alvo e uma direção. Joaquim é otimista, pois vê potencial de desenvolvimento para a humanidade, para as instituições, e, principalmente, para a

Igreja.

Curiosamente, a mesma imagem otimista pode ser lida de forma negativa. Afinal, uma planta não apenas se desenvolve, mas também morre. Seu ciclo envolve nascimento, crescimento e morte. A realização da história se dá, então, por *Initiatio*, *fructificatio* e *consumatio*. *Iniciatio* é o início, nascimento. *Fructificatio* é concepção, no sentido de trazer à luz, de *clarificação*. *Consumatio* é o limite, o fim, o término, o declínio. A história é nascimento, frutificação e declínio (Bauchwitz, 1994, p. 119).

O período posterior é sempre mais adiantado do que o anterior, mas também terá um fim. Quando esse processo terminará? Quando a história terminar, no fim do mundo, no momento do segundo advento e do juízo final. Neste ponto, é importante ler o que escreveu o próprio Joaquim sobre as três eras no *Expositio*:

> O primeiro dos três status dos quais nós falamos era no tempo da Lei, quando o povo do Senhor serviu como uma criança pequena por um tempo debaixo dos elementos (rudimentos) do mundo. Eles não estavam habilitados ainda a alcançar a liberdade do Espírito até que venha de quem se disse: "Se o Filho libertar vocês, vocês verdadeiramente serão livres" (João 8.66). O segundo status estava sob o Evangelho e permaneceu até o presente com liberdade em comparação com o passado, mas não com liberdade em comparação com o futuro. Porque o Apóstolo disse: "Agora nós conhecemos em parte e profetizamos em parte, o que é perfeito tiver vindo o que é em parte passará" (1Co 13,12). E em outro lugar: "Onde o Espírito do Senhor está, aqui há liberdade" (2Co 3.17). Por conseguinte, o terceiro status virá ao se aproximar o fim do mundo, não distante sob o véu da carta, mas na plenitude do Espírito quando, após a destruição e cancelamento do falso evangelho do Filho da Perdição e seus profetas, aqueles que ensinarão a muitos sobre justiça serão como o esplendor do firmamento e como as estrelas para sempre. O primeiro status que floresceu sob a Lei e circuncisão iniciou com Adão. O segundo que floresceu sob o evangelho começou com Uzias. O terceiro, da maneira como podemos entender pelo número de gerações, começou no tempo de São Benedito. Sua grande excelência é para ser esperada perto do Fim, neste tempo Elias será revelado e o incrédulo povo judeu será convertido ao Senhor. Neste status o Espírito Santo parecerá chamar na Escritura com sua própria voz: "O Pai e o Filho têm trabalhado até agora; e Eu estou no trabalho". A carta do Primeiro Testamento parece por certa propriedade de semelhança pertencer ao Pai. A carta do Novo Testamento pertence ao Filho. Então a compreensão espiritual que procede de ambos pertence ao Espírito Santo. Similarmente, a ordem do matrimônio que floresceu no primeiro tempo parece pertencer ao Pai por uma propriedade de semelhança, a ordem dos pregadores no segundo tempo pertence ao Filho, e a ordem dos monges para quem o último grande tempo é dado pertença ao Espírito Santo. Segundo isto, o primeiro status é originado no Pai, o segundo no filho, e o terceiro no Espírito Santo, embora em outra forma de falar o status do mundo seria dito ser um, o povo do eleito, e todas as coisas ao mesmo tempo pertenceriam ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Nem é isto ser pensamento contrário a autoridade dos pais quando eles falam do tempo antes da Lei, o tempo sob a Lei e o tempo sob a graça. Cada um diz da forma necessária à sua própria classe. (Expositio in Apocalypsim, f. 5r-v).

4 A NOVA ORDEM DO POVO DE DEUS

Que tipo de humanidade estaria vislumbrada por Joaquim nestes termos? O abade encheu de detalhes suas descrições das duas primeiras eras, mas foi parco e econômico para descrever a realidade da Era do Espírito. Ele faz algumas projeções gerais, mas não se arrisca a definir com precisão seus personagens e instituições. Assim, é útil recorrer a outra de suas imagens para

procurar em que consistiria essa era de contemplação por esta nova monástica de homens espirituais.

O futuro da humanidade, principalmente da Igreja, foi descrito na figura conhecida como A nova ordem do povo de Deus (Anexo: Figura III). Esta imagem está no *Liber Figurarum*, Tav. XII. É um diagrama de uma esperada utopia monástica.

Alguns elementos são interessantes. O primeiro envolve sua relação com uma população externa. Joaquim esperava que mesmo após a frutificação da Era do Espírito existiria gente que não pertenceria à comunidade ideal. Uma segunda questão seria sobre a relação desta utopia monástica e a instituição da Igreja da segunda Era.

Neste campo entra sua visão do papado. Alguns entendem que o radicalismo de Joaquim representa um claro rompimento com a igreja medieval, mas o conservadorismo do abade e seu íntimo contato com os muitos papas de sua geração tornam esta posição difícil de sustentar. Sendo assim, é mais plausível trabalhar como fruto de seu ideal reformador, apesar de carregada de potencial crítico.

Joaquim tem uma comunidade material em mente, e não uma sociedade transcendental ou celestial. A coexistência de outros cristãos com a utopia monástica é não totalmente anômala, porque o texto mostra que a comunidade é o centro religioso de tudo. Finalmente, o pai espiritual que controla todas as facetas desta sociedade contemplativa do futuro, que abraça monges, clérigos e leigos, parece ser o equivalente ao papa angélico do terceiro status, descrito em outros textos.

A vida da Era Espírito, antes do segundo advento, está representada nas novas ordens do Terceiro Estado. A imagem tem a forma de uma cruz grega, com suas partes transformadas no que ele chama de "*oratorium",* expressão que sinaliza seu anseio de ver a humanidade transformada numa grande instituição monacal.

A figura é composta por um oratório central, cercada por outros quatro oratórios. Tendo na parte inferior da figura dois outros oratórios, maiores em circunferência, mas distantes dos oratórios centrais.

Há algum tipo de trabalho nesta comunidade, mas não há ganho pessoal. Arranjos políticos e sociais só através de performances espirituais. Esta imagem de Joaquim é uma espécie de Nova Jerusalém, e representa o último desenvolvimento da vida durante a história. Ela não substitui a igreja existente, mas, seria sua última evolução. Ele a descreve como a "disposição da nova ordem pertinente ao Terceiro Status, à semelhança da Jerusalém Celestial".

Esta figura é baseada na passagem de 1Coríntios 12.12, quando Paulo descreve o corpo com muitas partes, mas muitas partes que formam um só corpo quando estão todas juntas.

Joaquim combinou esta imagem com a visão dos seres viventes de Apocalipse 4: um leão, um boi, um homem e uma águia. Em seguida, ele aplicou a estes seres viventes os carismas de Efésios 4: apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestres. São estes que trabalham para edificar o corpo de Cristo. O resultado de tudo isso é um corpo político e social que dá unidade e plenitude ao povo de Deus na terra.

O oratório central e os quatro que o cercam são dedicados à contemplação, tarefa suprema da comunidade da Era do Espírito. Cada membro do povo de Deus desta última era está inserido em um destes oratórios, simbolizados por membros do corpo humano. Cada um tem uma função e seu lugar, e se relaciona com o todo.

O oratório central é de Maria e da Santa Jerusalém. É lugar de oração. Representa o nariz do corpo, simbolizado pela pomba, e funciona como um divino conselho para o restante do corpo. Joaquim chama este oratório de "trono de Deus", como em Apocalipse 4. A comunidade inteira é dirigida deste oratório por um *pater spiritualis,* que guia pelo exemplo e edificação. Ele e seus membros seguem a regra Cisterciense na pureza da forma. Joaquim assim explicou o oratório central: "Este local será a mãe de todos os locais, e será o pai espiritual que presidirá todos os locais".

À esquerda do Oratório central está o Oratório de Pedro e de Todos os Santos Apóstolos. Esta parte representa a mão. É simbolizada pelo Leão, e funciona como uma casa de idosos, doentes e deficientes. Joaquim a chama de espírito de coragem porque apesar das enfermidades dos membros deste oratório, eles ainda seguem a regra dos cistercienses. Esta é a descrição de Joaquim: "Neste oratório vão viver estes irmãos delicados e velhos, que, por fraqueza de estômago não podem suportar a austeridade da regra e do jejum, mas ainda assim, como podem, se esforçam para proceder de acordo com a pureza da regra. Eles não serão obrigados a sair para os campos para fazer trabalhos manuais, mas vão executar seus trabalhos em casa debaixo de cuidados. Não será permitida a entrada neste oratório por vontade própria ou escolha, mas apenas aqueles a quem ordenou o abade."

À direita do oratório central está o oratório de Paulo e de todos os Doutores da Igreja. Esta casa representa a orelha. É simbolizada por um homem, e funciona como um centro de aprendizagem. Joaquim a intitulou de espírito de inteligência, uma casa para os monges estudiosos da comunidade. Esta é a descrição de Joaquim: "Neste oratório vivem homens eruditos, entretanto com desejo de aprender as coisas de Deus, e que desejam dedicar-se mais do que os outros para ler e estudar a doutrina espiritual".

Acima do oratório central está o oratório de são João evangelista e dos Santos Virgens. Esta parte representa os olhos. É simbolizada pela águia, e sua função é a total clausura para

contemplação. O espírito de sabedoria está sobre aqueles que estão nesta casa. É aqui que homens e mulheres viverão vidas perfeitas através de contínuo louvor e contemplação. Joaquim assim os descreve: “Neste oratório viverão homens perfeitos e virtuosos que, inflamados pelo desejo de vida espiritual, querem levar uma vida contemplativa.” Sobre as atividades das pessoas deste oratório, ele acrescentou: “Eles jejuam o tempo todo, exceto por motivo de doença. Não bebem vinho e nem comem alimentos temperado com óleo, exceto nos domingos e nos principais dias festivos”.

Abaixo do oratório central está o oratório de Estevão e de todos os Santos Martirizados. Ele é simbolizado pelo boi, e representa a boca do corpo. Joaquim o intitulou de “espírito de ciência”. Esta casa funciona com um centro de contemplação. Aqui, homens e mulheres são preparados e treinados em grande disciplina espiritual através da contemplação e compreensão. Joaquim os descreve assim: “Neste oratório vivem os irmãos que têm força para a atividade exterior e não podem progredir na disciplina espiritual, como apropriado”.

Cada um dos cinco oratórios superiores representa um alto ideal de vida religiosa. Abaixo deles estão ainda mais dois oratórios que consomem um grande espaço na figura. Há um espaço maior entre eles e a parte superior da imagem, mas ainda há uma ligação. As duas casas parecem descrever o clero secular e o leigo religioso. Joaquim fez questão de registrar abaixo do oratório dos Mártires que “entre o mosteiro e a sede do clero deve existir uma distância de quase três milhas”. Ele repetirá elemento semelhante para o espaço que separa as duas casas de baixo.

O primeiro oratório da região inferior é o oratório de João Batista e dos Profetas. É uma casa larga e representa os pés. É simbolizada por um cachorro e funciona como o clero secular. Joaquim chamou-a de “espírito de devoção”, porque seus membros vivem juntos em renuncia da carne e de roupa festivas. Joaquim assim se expressou ele: “Neste oratório serão reunidos os sacerdotes e os clérigos que querem viver em continência e comunidade”.

Entre o oratório de João Batista e o último, que forma a base, Joaquim volta a mencionar a necessidade de um espaço, tema que aponta para um distanciamento não apenas espacial entre os personagens de cada oratório, mas também de status, poder, função e papel. Desta vez, ele escreve: “entre estes dois oratórios deve existir um espaço de cerca de três estádios”.

Na parte inferior da figura está o oratório de Abraão e dos Patriarcas. Esta divisão representa a forma humana, é simbolizada por uma ovelha, e sua função é servir como casa para pessoas casadas e seus filhos. O espírito aqui é o temor por sua salvação. Estes viverão em casas privadas, mas suas vidas seguirão as ordens do *pater spiritualis* e seus supervisores. Eles trabalharão normalmente, darão o dízimo, e viverão uma vida nivelada, sem distinção de classes sociais, com bens materiais em comum. Joaquim assim se expressou: “Sob o nome deste oratório

estarão reunidos os cônjuges com seus filhos e filhas, em forma comunitária, para ter relações com as esposas, mais para produzir descendentes do que para satisfazer os desejos."

Neste maravilhoso tempo, a igreja resplandeceria em uma nova forma de experiência religiosa. Em sua utopia milenarista, então, Joaquim imaginou a humanidade caminhando na direção de uma pura sociedade religiosa na qual homens e mulheres poderiam viver em paz e se alimentando espiritualmente dos frutos que Espírito derramaria na história.

Neste novo tempo, não apenas gentios e judeus se misturarão, mas também a igreja e a sociedade. E desta mistura surgem os tijolos que comporão os oratórios da terceira Era.

REFERÊNCIAS

AFFLECK, Toby. Joachim of Fiore. In: *Access History*, 1/1, 1997, p. 45-54.

BAUCHWITZ, Oscar Federico. A história em Joaquim de Fiore. *In: Princípios: revista de filosofia*. Vol. 1, n. 1, 1994, p. 109-130.

DANIEL, E. Randolph. Joachim of Fiore: Patterns of History in the Apocalypse. In: EMMERSON, Richard K.; MC GINN, Bernard. *The Apocalypse in the Middle Ages*. London: Cornell University Press: 1992, p. 72-88.

DESROCHE, Henri. *Dicionário de messianismos e milenarismos.* Trad. Odair Pedroso Mateus. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000. 504 p.

MC GINN, Bernard. *Apocalyptic Spirituality*: Treatises and Letters of Lactantius, Adso of Montier-En-Der, Joachim of Fiore, the Franciscan Spirituals, Savonarola. New York:Paulist press, 1979. 316 p.

MC GINN, Bernard. *Visions of the End*: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages. New York: Columbia University Press, 1979. 377 p.

REEVES, Marjorie. The figurae of Joachim of Fiore. Genuine and spurious collections. *In*: *Medieval and Renaissance Studies*, vol. III, 1954, p. 170-199.

REEVES, Marjorie. *The influence of Prophecy in the Later Middle Ages*: a Study in Joachimism. London: University of Notre Dame Press, 1993. 592 p.

SARANYANA, Josep Ignasi. Sobre El milenarismo de Joaquín de Fiore. Uma lectura retrospectiva. *In*: *Teologia y Vida*, Vol. XLIV, 2003, p. 221-232.

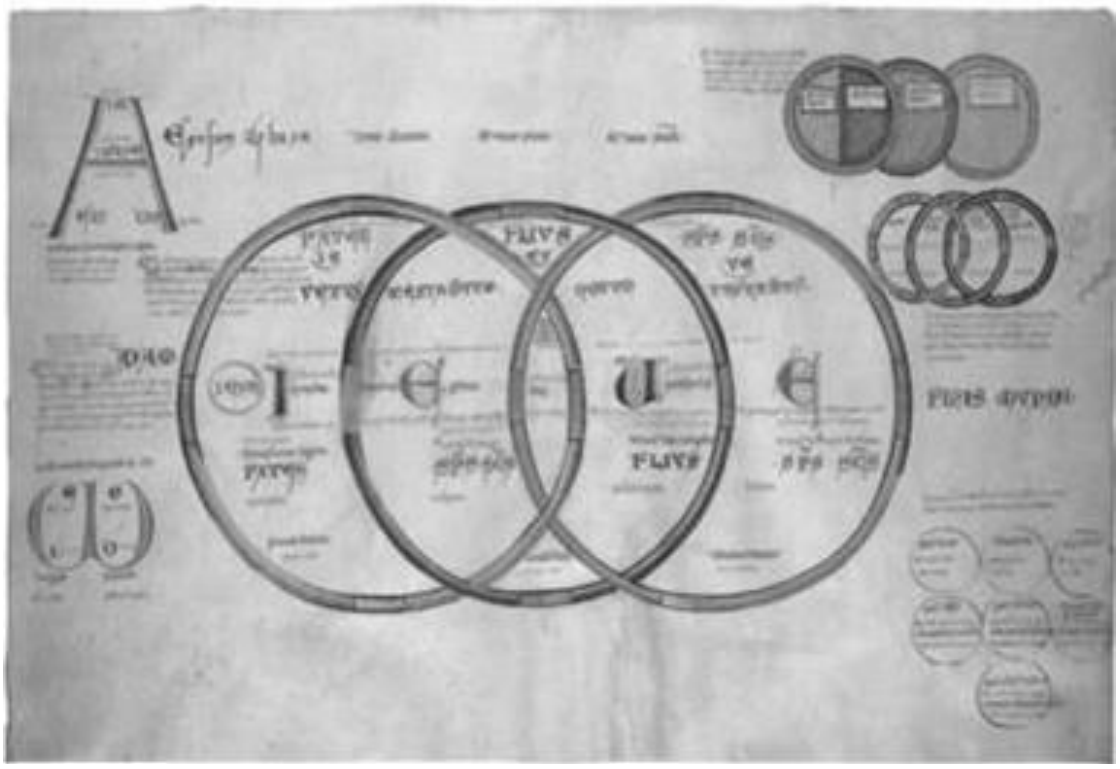
TAGLIAPIETRA, Andrea (org.). *Gioacchino da Fiore:* Sull'Apocalisse. 2. ed. Milano: Feltrinelli, 2008. 411 p.

TONDELLI, L.; REEVES, M.; HIRSCH-REICH, B. (ed.). *Liber Figurarum: Il Libro delle Figure dell'Abate Gioacchino da Fiore.* Torino: 1953. 2 volumes.

WEST, Delno C.; ZIMDARS-SWARTZ, Sandra. *Joachim of Fiore*: a Study in Spiritual Perception and History. Bloomington: Indiana University Press, 1983. 136 p.

ANEXO A – CÍCULOS TRINITÁRIOS

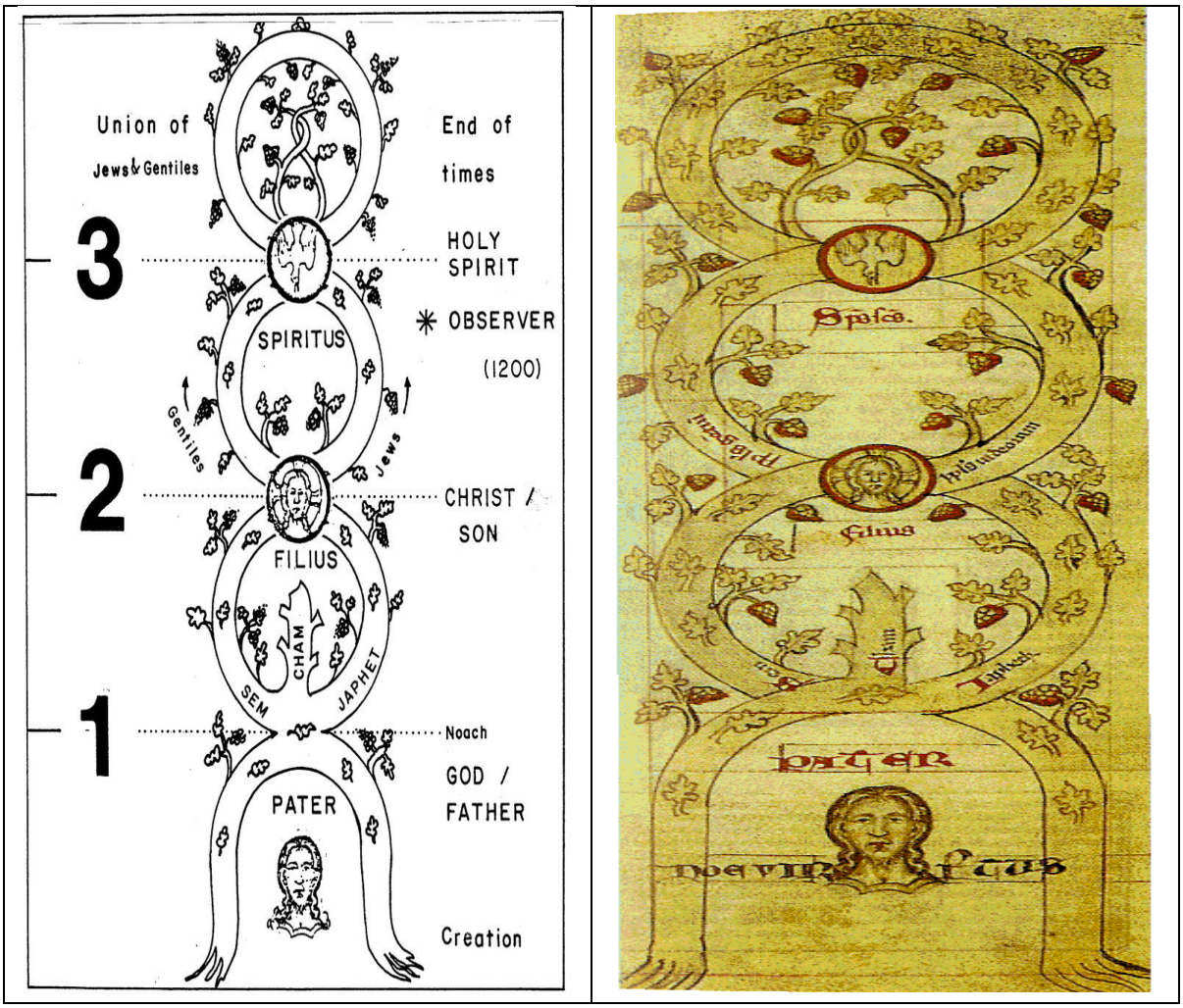
FIGURA 1 – OS CÍRCULOS TRINITÁRIOS[2]



[2] A presente imagem foi extraída de http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5e/Liber_Figurarum_Tav_11.jpg. Imagem de uso livre, com licença *Creative Commons*.

ANEXO B - ÁRVORE DOS CÍRCULOS TRINITÁRIOS

FIGURA 2 – ÁRVORE DOS CÍRCULOS TRINITÁRIOS



ANEXO C - A NOVA ORDEM DO POVO DE DEUS

FIGURA 3 – A NOVA ORDEM DO POVO DE DEUS

